

# Índios vêm de longe para viver em favelas

**ANA PAIVA**

Quase um quarto dos 6,5 mil índios da tribo Pankararu, de Pernambuco, está vivendo em quatro favelas de São Paulo. A maior parte (aproximadamente 500) dos que migraram mora no Real Parque, Zona Sul, e outros 700 se espalharam pelas favelas do Parque Santa Madalena, Zona Leste, Paraisópolis e Grajaú, Zona Sul. A tribo dos pankararus, da família tupinambá, situa-se entre as maiores que ainda sobreviveram no País e se concentra na aldeia Brejo dos Padres, uma área demarcada de 8,1 mil metros quadrados entre os municípios de Petrolândia e Tacaratu, no sul de Pernambuco, divisa com Bahia e Alagoas.

Expulsos do local, também ocupado por posseiros, os pankararus começaram a migrar para São Paulo a partir da década de 50. E o fluxo continua intenso nos dias atuais — diariamente, de dois a três índios, em média, desembarcam na Capital, em busca de trabalho. "Fomos sendo empurrados para o pé da serra na aldeia, onde não há terra boa para o plantio", explica Frederico Marcionilo Barros, presidente da Associação SOS Pankararu.

Segundo ele, a qualificação dos índios que vivem aqui só se iniciou há um ano. Atualmente, 80% deles possuem a certidão do índio e o documen-



Ovídio Vieira

Maior parte dos índios que migraram mora no Real Parque, Zona Sul

to de identidade da Fundação Nacional do Índio (Funai), que garante seus direitos em território nacional. "Tivemos de brigar quase dois anos para conseguir isso", conta Frederico, que está em São Paulo há 30 anos.

Os índios que chegam à Capital se transformam em mão-de-obra barata. A maioria dos homens trabalha na área da construção civil e as mulheres como

empregadas domésticas. Alguns chegam a ser vigilantes, o que representa status na comunidade, por ser considerado o melhor trabalho entre eles. "A gente sente um certo poder com este serviço", diz o vigilante Erinaldo Antônio da Silva, de 28 anos. Envaidecido com a profissão, que lhe garante salário de R\$ 260,00 mensais, ele costuma andar vestido com uniforme da fir-

ma. De acordo com as lideranças, apenas 60% dos índios têm emprego fixo.

Para sair da aldeia, a maioria mente a idade. Segundo os líderes, é muito comum um jovem de 15 anos se passar por 18 para chegar na cidade e conseguir trabalho. O caminhoneiro Manuel Marcionilo de Barros, está em São Paulo há 35 anos. Em sua identidade consta a idade de 53 anos, mas na verdade ele tem 51. "Tinha 16 anos quando saí da aldeia e menti para poder chegar aqui", disse.

Na Capital, os Pankararus carregam um sonho em comum: voltar para a aldeia Brejo dos Padres. Jovens e adultos garantem que retornariam imediatamente se os 285 posseiros que invadiram suas terras deixassem a área. De acordo com Frederico, a Funai alega não ter R\$ 5 milhões, valor estipulado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), para indenizar os posseiros.

Boa parte deste índios estão inscritos no projeto Cingapura, mas garantem que não se interessam pelos prédios da Prefeitura. Eles querem mesmo é uma área grande, onde possam construir casas e manter a comunidade unida. "Apartamento para a gente não interessa", dispara Fátima Cardoso, que vive na favela do Real Parque.

## Preservar cultura fica difícil

Ovídio Vieira

A maior dificuldade que o povo Pankararu sente em São Paulo é a falta de condições para preservar a cultura. A dança — chamada toré, onde os índios exaltam seus deuses e pedem proteção e saúde — pouco pode ser desenvolvida, principalmente na favela. Para contornar a situação, eles revezam a cerimônia em casas de parentes, que moram em residências de alvenaria e com mais espaços.

"Manter a cultura é o nosso maior problema aqui. Não dá para dançar em via pública", lamenta Frederico Marcionilo Barros. Em São Paulo existe apenas uma roupa sagrada. Feita de cizal, e conhecida como praiá, a roupa é usada por um dos índios na dança de roda. Para eles, trata-se de uma vestimenta espiritual e quem a veste recebe os encantados, espíritos do bem que atendem seus pedidos.

Com a aculturação sofrida ainda no local de origem, a língua Pankararu acabou se perdendo. Hoje, apenas quem tem mais de 60 anos sabe pronunciá-la. Para resgatar seu idioma, os índios trabalham com uma antropóloga do Universidade de São Paulo (USP). Eles estão fazendo uma coletânea de palavras, que serão reunidas em um livro, e vão trazer alguém que sabe falar da aldeia para ensinar os índios em São Paulo. "Não saber a língua é como viver em um país sem bandeira", compara Frederico.



Dança, chamada toré, tem de ser feita nas casas de alvenaria dos parentes

## Associação foi criada em 94

Apesar de os índios estarem migrando para São Paulo há mais de 30 anos, a Associação SOS Pankararu só foi criada em 1994. Foi a forma encontrada por eles para lutar contra o preconceito e o desemprego. Hoje, a comunidade se reúne em uma creche ao lado da favela do Real Parque todo segundo domingo de cada mês para discutir seus problemas e tentar encontrar soluções.

A pauta do dia atualmente é uma Kombi enviada pela Funai e que, segundo eles, está sendo pedida de volta pela Procuradoria da República, alegando que a doação não teve autorização. "É uma Kombi velha que vale R\$ 3 mil", reclama Frederico Marcionilo Barros, presidente da associação. Na reunião que fizeram ontem, os índios decidiram ir até Brasília brigar para ficar com o veículo. "Vamos sair daqui 40 dias num grupo de 30", garante Frederico.

A idéia de criar a associação surgiu depois do assassinato de alguns índios na favela. A história de que um Pankararu teria sido preso acusado de estupro também foi fator determinante para se criar uma associação que unisse a comunidade. A SOS Pankararu foi também a responsável pela atual qualificação dos índios, que proporcionou a eles uma identidade.